



Uma reportagem sobre a Conversação Sobre o Conflito Israel-Pales | 31.07.2005

O que aprendemos um do outro:

Uma reportagem sobre a Conversação Sobre o Conflito Israel-Palestinense

I. Prefácio

Dada a complexidade da situação do Médio Oriente, o entender depende mais que nunca de conversação. Mais que quatro anos de violência no Médio Oriente foram acompanhados por erupção de retórica e comportamento anti-semíticos, o que criou um senso real de assédio entre o povo judaico. Nos Estados Unidos, havia uma variedade de respostas governamentais, religiosas e políticas ao conflito do Médio Oriente. Entre as respostas, uma que especialmente se refere à comunidade judaica veio de alguns das Igrejas da linha principal protestante. Obrando a partir do seu cometimento profundo à justiça social, tais líderes expressaram o seu senso religioso no que se refere aos palestinos. Observando os modos que isso expressaram através de programar em muitas Igrejas protestantes e em declarações emitidas por várias denominações, muitos na comunidade judaica americana chegaram a considerar algumas Igrejas Protestantes, os porta-vozes destas e as publicações destas como inclinados contra Israel. De fato, as relações entre as duas comunidades estão coadas. Esse é o problema. No passado, a comunidade judaica americana e as Igrejas da linha principal protestante se emprazaram num senso comum de propósito e colaboração sobre vários assuntos de justiça social básica dentro da sociedade americana, e as relações tensas estão assim especialmente inquietantes.

Para observar essas circunstâncias, um pequeno grupo de judeus e de protestantes da linha principal se uniram aproximadamente três anos atrás sob os auspícios de decano da Divinity School na universidade de Chicago. Desde então, o grupo se encontrou muitas vezes. Discutiu esse tópico, bem como um número de assuntos científicos e filosóficos, tais como a origem do pensamento sionista, os modos diferentes em que a comunidade de fé lê e usa textos bíblicos, e o lugar da Terra tanto na Bíblia Hebraica como no Novo Testamento.

Todos envolveram nessas conversações honra e distinção fundamental entre a crítica das práticas políticas do governo de Israel e a rejeição do direito de Israel a existir. Mas os colegas judaicos que dão boas vindas ao princípio se preocupam que, na prática, a crítica, mais agudamente na questão palestina, possa por si mesma comprometer essa distinção. Para a parte deles, os colegas protestantes estão preocupados de que qualquer crítica política da política de Israel chegue imediatamente a ser revisão do apoio da crítica ao direito de Israel de existir.

Baseando-se na sua percepção de que entendimentos melhores tiveram sido adquiridos, esse grupo começou a projetar uma declaração de princípios comuns, não sobre o conflito israeli-palestinense, mas sim sobre o modo em que judeus e protestantes americanos devam estar falando desse, uns com os outros e com outros. Desde que começamos essas conversações, as tensões entre os protestantes da linha principal e a comunidade judaica cresceram significativamente. Ao mesmo tempo, esperanças por paz entre israelis e palestinos têm sido re-acordadas. Ambas essas circunstâncias fazem essa obra, todavia imperativa.

Esperamos que esses princípios fossem contribuir para a conversação necessária e importante entre judeus e protestantes nos Estados Unidos, e que a declaração ia inspirar conversação ulterior no mesmo espírito.

II. Princípios comuns

1. Ambas as partes para a nossa conversa reconhecem a pena de todos os povos do Oriente Médio. Como judeus e cristãos professos, precisamos dar expressão a todos que estão sofrendo. Comum para as nossas tradições, é o elo entre o amor de Deus e o amor de seres humanos, os quais todos são criados na imagem de Deus.
2. Está nas melhores tradições do Judaísmo e da Cristandade como demonstradas tanto na Toráh e no Novo Testamento dar voz a todos que estão sofrendo. Os participantes judaicos nessa conversação respeitam os cometimentos dos protestantes da linha principal de dar voz aos sofrimentos do povo palestino.
3. O governo do Estado de Israel, com todos os outros governos, é criação de seres humanos, os quais, ao praticarem democracia, cometem erros. Está, portanto, aberto à crítica. Essa crítica de qualquer política ou prática do governo de Israel não é necessariamente anti-semítica.
4. Embora não toda a crítica de Israel seja anti-semítica, é que muitas expressões da opinião anti-Israel contêm componentes. É, portanto, bom saber dos limites duma crítica apropriada dada no clima particular no mundo de hoje, este que testemunhou um crescimento significativo em comportamento e retórica anti-semíticos. Aqueles que criticarem política israeli deverão cuidar de segurar que tal crítica não ameace o Judaísmo, o povo judaico ou a legitimidade do Estado de Israel.
5. Para distinguir entre preconceito e crítica legítima, se devem notar as tendências históricas seguintes em discussões do povo judaico e Judaísmo, tendências essas que devem ser evitadas quando discutindo Israel:
 - i. críticas que fazem parte de motivos e estereótipos anti-judaicos medievais;
 2. críticas de Israel que fazem parte das noções anti-semíticas seculares dos séculos 19 e 20 referentes ao povo judaico, p. ex. aquelas que fanatizam sobre conspirações internacionais judaicas efetivadas através de negócios bancários e/ou da mídia (como refletidas em publicações tais como Os Protocolos dos Anciãos de Sião).
6. Há alguns exemplos nos quais a crítica de Israel por certas práticas ignora práticas semelhantes de outros. Para colegas judaicos, isso cria o espectro dum padrão duplo. Semelhantemente, a falta de reconhecer exemplos em que o Estado de Israel se engaja em fazer paz, toma riscos com as próprias vidas dos seus cidadãos por causa de paz e faz concessões por causa de paz está experimentada pelos judeus como preconceito e padrão duplo.
7. Participantes protestantes reconhecem que Israel está tido a um padrão mais alto. Protestantes dizem que têm Israel nos mesmos padrões que crêem que os americanos devem manter a si mesmos. Participantes protestantes no diálogo se regozijam no estabelecimento de Israel como estado democrático com sufrágio universal, imprensa livre e judiciária independente. Concerniram que a sua apreciação por Israel muitas vezes não está sendo entendida pela comunidade judaica americana, e que estão sendo por vezes acusados

de ter um padrão duplo para criticar Israel por alguma coisa pela qual não criticam os vizinhos de Israel. Na sua mente, tendo Israel num padrão maior que os estados nacionais que não valorizam democracia e direitos humanos, estão demonstrando o seu respeito e gratidão pela aliança, democracia e interesse pelos direitos humanos de Israel e as suas esperanças maiores para Israel.

8. Os participantes cristãos respeitam o auto-entendimento judaico, no qual a Judaicidade é um amálgama de fé, Toráh, história, terra e pertença ao povo. Como tais celebram o retorno do povo judaico à Terra de Israel, considerando o estabelecimento dum estado judaico como ato de justiça depois de dois mil anos de exílio e sem lar judaicos.
9. É importante para os protestantes da linha principal entender que a maioria do povo judaico nunca atribuiu significância teológica ou religiosa ao Sionismo ou ao seu efeito de sucesso, o Estado de Israel. Isso não é verdadeiro somente para aqueles judeus que têm perspectiva secular sobre a vida e assuntos humanos. É também verdadeiro para muitos dos fiéis. A posição clássica da fé judaica diz que somente um profeta bíblico pode conhecer o intento de Deus para um dado evento na história, e que a profecia terminou no século seis aEC (antes da Era Comum). Portanto não se pode entender com certeza bíblica as intenções de Deus a respeito de qualquer evento contemporâneo. Pode ser que muitos cristãos não reconheçam isso, porque uma pequena minoria em Israel que é que vê esse estabelecimento de Estado em categorias teológicas ganha grande parte da atenção da mídia.
10. Diferenças importantes na versão da Cristandade protestante emergiram nos Estados Unidos entre os protestantes da linha principal e certos grupos de evangélicos. Esses dois grupos, por vezes, discordam sobre o significado teológico do estabelecimento do Estado de Israel. Enquanto a sua conversação em curso é importante para eles, os participantes no nosso diálogo concluíram que essa deveria ser conduzida num modo que segure que o Estado de Israel e o povo judaico não carreguem o fardo do conflito sobre essas diferenças protestantes.
11. Em geral, as conversações cristãs sobre Israel, a Aliança e as relações de judeus e cristãos são complexas. Quando o Estado de Israel chega a ser o loco pelo qual cristãos se encontrarem e debateram as suas diferenças, os judeus experimentarão conseqüências negativas para Israel. Em debates cristãos internos, Israel, Judaísmo e o povo judaico aparecem perdendo nos olhos de um ou outro grupo cristão. Os judeus e os israelis não podem ser entendidos em termos exclusivamente cristãos. Nem são os judeus dispostos a serem postos em querelas com um ou outro dos grupos cristãos por falhar encarar o teste da afirmação de fé desse.
12. As tradições judaicas e cristãs são profundamente entretecidas. Compartilhamos, e de fato estimamos, muitos dos mesmos textos. No entanto, argumentos baseados em citações da Bíblia levam usualmente a uma chuva de textos-prova que não encorajam a conversação. Argumentos baseados em “narrativas mestre”, sejam no serviço do triunfalismo cristão ou da imperturbabilidade judaica, não encorajam conversação. Uma narrativa-mestre é declaração nacional, comunal ou pessoal de auto-entendimento, a qual, por vezes, inclui caracterização de outros que não é aceitável para aqueles muito outros.

III. O que aprendemos

Os parceiros protestantes e judaicos para essa conversação chegaram a entender e respeitar certas idéias tidas pelo outro. Durante essas conversações, os membros judaicos do grupo aprenderam que os membros protestantes amam Israel e querem ver um Israel seguro e salvo. São bons amigos do povo judaico. Enquanto puderem ter críticas de certas práticas e políticas do governo de Israel, os participantes judaicos foram alertados para a integridade das preocupações dos seus parceiros cristãos para a justiça e o sofrimento do povo palestinese e para o seu respeito pelos ideais democráticos de Israel. Os colegas judaicos reconhecem que, quando esses amigos do povo judaico e de Israel expressarem as suas críticas, carregam, por vezes, o fardo de serem questionados sobre a sua própria amizade, lealdade e cometimento para o povo judaico e um Israel seguro.

Os parceiros protestantes para essa conversação respeitam a fragilidade da existência judaica, especialmente à luz dos eventos do século 20. Sabem que a crítica de Israel é freqüentemente demais anti-semítica em natureza e motivação. Assim, os participantes protestantes do grupo foram alertados para a necessidade crucial de atender de perto os modos nos quais a expressão pública dumã chamada para justiça política pode, nesse caso, implicar o contrário: embora muitas vezes não-intentadas, posições adversas referentes a Israel.

Nós que temos participado nessa conversação protestante-judaica temos chegado a apreciar como é muito vital para nós falar uns com os outros. Isso é assim porque, como americanos, compartilhamos o mesmo espaço público. Compartilhamos responsabilidade para a qualidade de decência e justiça naquele espaço público e na sociedade americana ao largo. E isso é assim, porque conversação e relações boas poderiam ter algumas conseqüências positivas para judeus e cristãos em Israel e nos territórios palestineses.

Ambos cremos em Deus. Ambos cremos que a história sagrada e a revelação do Único Deus começa com a eleição dos patriarcas e matriarcas no solo da pátria antiga do povo judaico, o Êxodo do Egito e da revelação no Sinai.

Encontramo-nos, e continuaremos a nos encontrar. Falamos e nos engajamos em conversação e diálogo por vezes difíceis, e continuaremos fazer isso. Urgimos-vos que vos encontráis na liderança de igrejas e sinagogas para façais o mesmo e se estender uns aos outros, começando conversações semelhantemente importantes.

Signatários: Veja no fim do texto inglês!

Texto [inglês](#)

Tradução: Pedro von Werden SJ - Rua Padre Remeter, 108 - Bairro Baú - 78008-150 Cuiabá-MT -BRASIL pv-werden@uol.com.br

